

LIÇÃO 02 – O PROPÓSITO DA TENTACÃO

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto. E-mail do autor: ibcneto@inaciocarvalho.com.br.

Comentários iniciais:

O fortalecimento produzido pelas tentações:

- Tentação, no hebraico, é *massah*; no grego, *peirasmos*. Ambas as expressões empregadas na Bíblia significam “prova”, “provação”, “teste”. Referem-se, portanto, às perseguições e aflições que o crente sofre nesta vida da parte do mundo ou de Satanás.

- Mas essas expressões também podem estar relacionadas a uma incitação ao pecado.

A palavra *peirasmos* também pode significar julgamento, ataque, colocar à prova, examinar, questionar ou um teste de qualquer tipo, não necessariamente tentação para o pecado. Observem que, em Gl. 4.14, Paulo fala em “tentação na minha carne” para se referir, provavelmente, à sua doença nos olhos; portanto, sem qualquer sentido de tentação para o pecado.

- Igualmente Pedro usa a palavra *peirasmos* em 1Pe. 1.7 sem qualquer conotação de tentação para o pecado. Inclusive essa palavra é aí traduzida por “**prova** da vossa fé” (ARC) ou “**valor** da vossa fé” (ARA), e não como “tentação”.

- Convém distinguir tentação de pecado, pois ambas não se confundem. A tentação é uma provação, uma espécie de teste. O pecado, por sua vez, já se trata de um ato imoral consumado. A tentação não é em si pecado; ninguém peca quando passa pela tentação. A própria vida de Jesus demonstra, com clareza, a distinção. Hb. 4.14-16 afirma que Jesus em tudo foi tentado, mas não pecou.

- As tentações de Jesus nos dão conta de que Ele conhece as nossas tentações e pode nos dar a força necessária para resistirmos (1Co. 10.13), razão pela qual podemos nos aproximar com fé do trono da graça, confiantes de que Jesus Cristo é o nosso Sumo Sacerdote perfeito.

- Assim como o ouro passa pelo fogo para ser purificado, o cristão passa pelas tentações para se aperfeiçoar no Reino de Deus (1Pe. 1.7). Na tentação, o crente é posto à prova para mostrar-se aprovado, assim como Cristo foi conduzido ao deserto para ser tentado por Satanás. Ele saiu do deserto vitorioso e fortalecido, iniciando em seguida seu ministério terreno.

- É por isso que Tiago diz que devemos ficar felizes quando cairmos em tentações. Podemos ter certeza que, à semelhança de Jesus, sairemos da tentação mais fortalecido pela graça de Deus, além de adquirirmos paciência e maturidade.

- Pode parecer estranho ouvirmos Tiago dizer para termos **grande** gozo quando cairmos em **várias** tentações. Afinal, quem é que fica alegre quando está passando por uma situação difícil? Como disse Matthew Henry: “A filosofia pode instruir os homens a permanecerem calmos em suas dificuldades, mas [só] o Cristianismo lhes ensina algo mais: serem alegres”.

- O crente deve enfrentar essas provações com alegria (cf. Mt. 5.11,12; Rm. 5.3; 1Pe. 1.6), porque isso desenvolverá nele uma fé perseverante, uma personalidade experiente e uma esperança madura (cf. Rm. 5.3-5). Nossa fé somente pode chegar à plena maturidade quando confrontada com dificuldades e oposição (vv. 3,4).

- Tiago chama tais provações de “a prova da vossa fé” (v. 3). Às vezes, as provações vêm sobre o crente a fim de que Deus possa testar a sinceridade da sua fé. Não há nada nas Escrituras dizendo que as aflições da vida são sempre uma evidência de que Deus está insatisfeito conosco. Podem ser um sinal de que Ele reconhece nossa firme dedicação a Ele (cf. Jó 1;2).

- Por mais paradoxal que pareça, o crente deve ficar feliz com as tentações, porque a tribulação produz paciência; e a paciência, experiência; e a experiência, esperança (Rm. 5.3-5). Devemos viver na esperança de receber diretamente de Cristo a coroa da vida, preparada por Ele aos que o amam. Portanto, quem ama a Cristo deve se alegrar em ser participante das aflições de Cristo, para também participar futuramente da Sua glória.

- Tiago não disse “se cairdes”, mas “**quando** cairdes”, deixando claro, portanto, que é inevitável que o crente passe por tentações. Afasta-se, portanto, a ideia dos triunfalistas de que o crente só está em dificuldade se lhe falta fé e reafirma-se o que Cristo deixou claro: “No mundo tereis aflições” (Jo. 16.33). Também o salmista já havia dito: “Muitas são as aflições do justo...” (Sl. 34.19).

- Tiago presume que teremos dificuldades, mas deixa claro que é possível tirar proveito delas. A questão é não fingir estar feliz quando se enfrenta a dor, mas ter uma perspectiva positiva (deixar que ela seja uma oportunidade para a alegria), por causa daquilo que as dificuldades podem produzir em nossa vida. Tiago diz que devemos transformar nossas dificuldades em momentos de aprendizado. Os tempos difíceis podem nos ensinar a perseverar firmes em Deus (Rm. 2.7; 5.3-5; 8.24-25; 2Co. 6.3-7; 2Pe. 1.2-9).

A origem das tentações:

- Mesmo objetivando provar o crente, a tentação não vem da parte de Deus, mas da fragilidade humana, atraída por aquilo que deseja. Assim como Adão e Eva foram tentados pelo desejo de provar do fruto proibido (Gn. 3.2-6), a humanidade toda é atraída pelo seu próprio desejo, que é gerado (Tg. 1.15) no interior. Deus a ninguém tenta.

- Ninguém que peca poderá livrar-se da culpa lançando acusações contra Deus. Deus pode nos provar para fortalecer nossa fé, mas nunca para nos levar ao pecado. A natureza de Deus testifica que Ele não pode dar origem à tentação para pecar.

- Note-se que a palavra “tentado” empregada em Tg. 1.13 tem sentido um pouco diverso do que Tiago empregou no versículo anterior. No v. 12, Tiago fala em “tentação” no sentido de teste; neste versículo, o termo é empregado no sentido de solicitação ao pecado.

- É neste último sentido que Tiago diz que Deus não pode ser tentado com o mal, assim como não tenta ninguém. Tentações malignas vêm do mal, não do bem.

- A tentação vem de nossos maus desejos interiores, não de Deus. Começa com um pensamento mau, e se torna pecado quando nos demoramos neste pensamento e permitimos que ele se torne uma ação. Como uma bola de neve rolando montanha abaixo, o pecado cresce e se torna cada

vez mais destrutivo à medida que permitimos que ele prossiga. O melhor momento para deter uma tentação é antes que esta esteja demasiadamente forte ou se mova rápido demais para ser controlada (ver Mt. 4.1-11; 1Co. 10.13; 2Tm. 2.22).

- Uma prova irrefutável de que as tentações não têm sua origem em Deus é o fato de que o desejo humano pode levar à morte (Tg. 1.15). Não é do caráter de Deus querer ou provocar a morte do ser humano. Ele criou o homem para viver. A morte é consequência do pecado, mas não é a vontade de Deus.

- A real origem da tentação é, portanto, a própria concupiscência (Tg. 1.14). A tentação exterioriza o vício, os desejos, a malignidade da natureza humana. Ser tentado é sentir-se aliciado pela própria malícia, pelos sentimentos mais reclusos de nossa natureza má. Devemos procurar imitar Jesus, afastando-nos do pecado.

- Quando ouvimos o Espírito Santo, Deus nos dá o escape em tempo oportuno (1Co. 10.13: “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar”).

- O Espírito Santo nos faz lembrar a Palavra de Deus para não pecarmos. Mas, para isso, precisamos cultivar a Palavra de Deus em nossos corações (Sl. 119.11: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti”).

- Note-se que Tiago, negando que a tentação tem origem em Deus, não vai ao extremo oposto de localizar a origem de todas as tentações e provações em Satanás ou no mundo; ao invés disso, atribui a principal responsabilidade à nossa própria concupiscência. Em Tg. 4.1, ele reitera: “Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura, não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?”.

- O diabo e o mundo podem funcionar como agentes indutores externos da tentação, mas não são os principais culpados por ela. A culpa principal por cairmos em tentação é nossa mesma. Não devemos procurar culpar os outros, nem mesmo o diabo, como fizeram Adão e Eva.

- Procurar localizar a fonte de todas as suas tentações em qualquer origem exterior, seja em Deus ou em Satanás, desvia a atenção do verdadeiro problema: nós mesmos. A tentativa de localizar todos os nossos problemas fora de nós mesmos não leva a nada a não ser à frustração. É fácil culpar os outros, mas isso não resolve nada. O verdadeiro cristão, por outro lado, aceita a responsabilidade por seus erros, confessa-os e pede perdão a Deus.

- Portanto, vontade e desejo representam a verdadeira origem de todas as obras. Tiago desenvolve essa ideia por meio da imagem da concepção e do nascimento: “Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte” (Tg. 1.15).

- Os sete passos da tentação são os seguintes: 1) tentação: pensamento do mal; 2) atração: imaginação forte; 3) desejo: prazer na visualização; 4) engodo (engano): perda da força de vontade; 5) concepção do desejo: ceder ao desejo; 6) pecado: o ato pecaminoso é cometido; 7) morte: resultado do pecado.

- Há na Bíblia três tipos de morte: 1) a morte física: a separação entre o homem interior e o corpo (Tg. 2.26); 2) a morte espiritual: a separação de Deus por causa do pecado (Ef. 2.1,5; Mt. 8.22; Cl. 2.13; 1Tm. 5.6); é a esta morte que Tiago se refere em Tg. 1.15; 3) a morte eterna: a

separação eterna de Deus porque o homem escolheu permanecer separado de Deus em pecado (Mt. 10.28; 25.41,45; Ap. 2.11; 14.9-11; 20.11-15; 21.8; 22.15; Is. 66.22-24); esta é chamada de “segunda morte” ou de “segunda separação de Deus” (Ap. 2.11; 20.14; 21.8).

O propósito das tentações:

- As tentações servem para provar a nossa fé. Tiago encoraja seus leitores a compreenderem o propósito das lutas enfrentadas na vida cristã: Deus prova a nossa fé (Tg. 1.12). À semelhança do aluno que estuda e pesquisa para submeter-se a uma prova e ser aprovado, os filhos de Deus são testados para amadurecer a fé.

- Hb. 11 arrola várias pessoas que tiveram sua fé provada, mas terminaram vitoriosas. Por isso esse texto é conhecido como a “galeria dos heróis da fé”.

- Tentações testam a religião e a fé. O homem que permanece verdadeiro em suas provas mostra que sua religião e sua fé são genuínas. Testes trabalham a paciência e a paciência promove a perfeição (1Tm. 5.3-5; 1Pe. 1.7).

- Não podemos conhecer de fato a profundidade de nosso caráter até que vejamos como reagimos sob pressão. É fácil ser bondoso com os outros quando nos tratam bem e tudo está bem, mas será que ainda podemos ser bondosos quando os outros nos tratam de forma injusta?

- Deus quer nos tornar maduros e completos, e não nos poupar de toda dor. Ao invés de reclamarmos de nossas lutas, devemos vê-las como oportunidades para o crescimento espiritual em Cristo.

- Devemos agradecer a Deus por ter prometido estar conosco em tempos difíceis e pedir que Ele nos ajude a resolver nossos problemas ou que nos dê forças para suportá-los. E devemos ser pacientes, pois Deus não nos deixará sozinhos com os nossos problemas; Ele permanecerá por perto e nos ajudará a crescer na graça e na fé.

- As tentações também servem para produzir paciência (Tg. 1.3). Paciência é a capacidade de uma pessoa permanecer firme em meio a alguma pressão. A paciência é resultado da prova da nossa fé.

- E, por fim, as tentações produzem a perfeição, segundo o modelo de Cristo. Notem que perfeição não significa ausência total de erros ou pecados. Neste sentido, nós só seremos perfeitos quando chegarmos ao céu. Mas a perfeição aqui referida tem outro sentido, e neste sentido, sim, nós somos perfeitos. Note que, em Fp. 3.15, Paulo diz que somos perfeitos (“Pelo que todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo”).

- “Perfeitos”, aqui, transmite a idéia bíblica de perfeição no sentido de relacionamento correto com Deus, que frutifica no empenho sincero de amá-lo de todo o coração, em obediência irrestrita e uma vida inculpável (Dt. 6.5; 18.13; Mt. 22.37; 1Ts. 2.10).

- A “obra perfeita da paciência”, referida em Tg. 1.4, tem dois aspectos: 1) a perfeição pessoal no conhecimento do evangelho e da vontade de Deus; e 2) a completude pessoal em todas as graças e dons de Deus.

- Em Rm. 5.3-5, Paulo descreve o processo da maturidade cristã que o Senhor espera de seus servos: a tribulação produz a paciência; a paciência, a experiência; a experiência, a esperança; a esperança, a certeza.
- A vida de Paulo nos ensina que a provação na vida do servo de Deus forjará uma pessoa melhor, mais crente em Jesus e fiel a Deus. O sofrimento faz-nos constatar o quanto dependemos do Senhor (Sl. 118.8-9).
- O salmista expressa claramente: “Antes de ser afligido, andava errado; mas agora guardo a tua palavra” (Sl. 119.67). Jó também reconheceu que aprendeu com a provação que passou (Jó 42.3-6).
- Nada melhor do que crescermos em Deus e diante dos homens, com as nossas próprias experiências. É por isso que Tiago recomenda que devemos nos alegrar ao passarmos por provações (Tg. 1.2-4).
- Não se pretende aqui ser irrealista quanto às feridas provocadas pelos sofrimentos da vida, nem negar o poder que as dificuldades e enfermidades têm de abater o nosso corpo e o nosso ser. Não é o caso de exigir do crente que seja um “super-herói”, que viva completamente à margem dos problemas, como se eles não existissem ou não tivessem nenhuma influência sobre nós. Isso seria pura hipocrisia.
- Apenas é preciso ressaltar o poder muito maior que Cristo tem de erguer, sustentar, prover e fortalecer a alma abatida em meio a esses momentos de dor. Como disse Paulo, “segundo as riquezas da Sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo Seu Espírito no homem interior” (Ef. 3.16).
- O último propósito da provação é que, aquele que for aprovado, “receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam” (Tg. 1.12).
- A coroa da vida é como a coroa da vitória dada aos atletas vencedores (1Co. 9.25), ou conquistada como um distintivo de honra social. Era chamada de *stephanus*, ou laurel, feita de folhas de louro, diferente do diadema, que era a coroa da realeza (Ap. 19.12).
- A coroa da vida dada por Deus não é glória e honra aqui no mundo, mas a recompensa da vida eterna – viver com Deus para sempre. O caminho para fazer parte do círculo de vencedores de Deus é amá-lo e permanecer fiel a Ele, mesmo sob pressão.
- Este verso, e também os anteriores (desde Tg. 1.9), serve tanto para afirmar que as gloriosas bênçãos preparadas para aqueles que fielmente amam a Deus não podem ser comparadas às dificuldades da vida (cf. Rm. 8.18,31-39), como para prevenir contra uma devoção a Deus baseada exclusivamente na esperança de recompensas materiais futuras.

Texto áureo:

TIAGO 2

2 Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações,

3 sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência.

- Estes versículos serão comentados abaixo, junto com a Leitura bíblica em classe.

Texto da leitura bíblica em classe:

TIAGO 1.2-4, 12-15

2 Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações,

- Tiago inicia a carta fazendo um diagnóstico dos problemas que acredita existir entre a crença dos leitores e seu relacionamento com Deus. Criam que Deus empregava provações como meio de instruí-los e de corrigi-los a fim de torná-los perfeitos e completos, sem faltar coisa alguma (Tg. 1.4), para ao final conceder-lhes a coroa da vida (Tg. 1.12). No entanto, Tiago sugere que na vida cristã as provações servem para uma finalidade diferente. Ao invés de representarem uma oportunidade de aperfeiçoamento pessoal, as provações servem para revelar a necessidade de nossa dependência de Deus, e nos levam a pedir-lhe que conceda aquilo que precisamos. As provações não ensinam sabedoria aos cristãos; pelo contrário, convencem-nos a renunciar à nossa autoconfiança e a receber com mansidão a palavra em nós enxertada, a qual pode salvar a nossa alma (Tg. 1.21).

- A palavra “tentacões” (do original grego *peirasmós*) refere-se, aqui, às perseguições e aflições que o crente sofre nesta vida da parte do mundo ou de Satanás. A palavra *peirasmós* também pode significar julgamento, ataque, colocar à prova, examinar, questionar (Gl. 4.14), ou um teste de qualquer tipo, não necessariamente tentação para o pecado (1Pe. 1.7).

- O crente deve enfrentar essas provações com alegria (cf. Mt. 5.11,12; Rm. 5.3; 1Pe. 1.6), porque isso desenvolverá nele uma fé perseverante, uma personalidade experiente e uma esperança madura (cf. Rm. 5.3-5). Nossa fé somente pode chegar à plena maturidade quando confrontada com dificuldades e oposição (vv. 3,4).

- Tiago chama tais provações de “a prova da vossa fé” (v. 3). Às vezes, as provações vêm sobre o crente a fim de que Deus possa testar a sinceridade da sua fé. Não há nada nas Escrituras dizendo que as aflições da vida são sempre uma evidência de que Deus está insatisfeito conosco. Podem ser um sinal de que Ele reconhece nossa firme dedicação a Ele (cf. Jó 1;2).

- “Cairdes”, no original grego, é *peripipto*, podendo também significar “ser pego”. Esta palavra grega é usada apenas aqui, em Lc. 10.30 e em At. 27.41.

- Tiago não disse “se cairdes”, mas “quando cairdes”, deixando claro, portanto, que é inevitável que o crente passe por tentações. Afasta-se, portanto, a ideia dos triunfalistas de que o crente só está em dificuldade se lhe falta fé e reafirma-se o que Cristo deixou claro: “No mundo tereis aflições” (Jo. 16.33).

- Tiago presume que teremos dificuldades, mas deixa claro que é possível tirar proveito delas. A questão é não fingir estar feliz quando se enfrenta a dor, mas ter uma perspectiva positiva (deixar que ela seja uma oportunidade para a alegria), por causa daquilo que as dificuldades podem produzir em nossa vida. Tiago diz que devemos transformar nossas dificuldades em momentos de aprendizado. Os tempos difíceis podem nos ensinar a perseverar firmes em Deus (Rm. 2.7; 5.3-5; 8.24-25; 2Co. 6.3-7; 2Pe. 1.2-9).

- A maioria das versões da Bíblia em português acompanha o consenso existente entre os tradutores como sendo este versículo uma exortação aos leitores para que respondam às provações com alegria, porque essa prova de sua fé tem uma finalidade positiva: ela aumenta a sua resignação e maturidade. É assim na versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), acima transcrita. A Almeida Revista e Atualizada (ARA) diz: “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações”. Também na Nova Versão Internacional (NVI), que diz: “Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações”. E a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH): “Meus irmãos, sintam-se felizes quando passarem por todo tipo de aflições”. E não apenas nas versões em português, mas também a Bíblia italiana emprega o imperativo: “*Fratelli miei, quando dovete sopportare prove di ogni genere, rallegratevi*”. Igualmente nas versões em inglês, tanto na *New International Version* (NIV) (“*Considerer it pure joy, my brothers, whenever you face trials of many kinds*”), quanto na *King James Version* (KJV) (“*My brethren, count it all joy when ye fall into divers*”), emprega-se o imperativo.

- Igualmente, a maioria dos intérpretes prefere interpretar esse verbo como uma exortação, pois nessa carta existem vários verbos no modo imperativo (entre 54 e 59 verbos, nos 108 versículos da carta).

- Entretanto, o verbo “tende” (ARC e ARA; ou “considerem”, na NVI; ou “sintam” na NTLH; ou “*rallegratevi*”, no italiano; ou “*considerer*” na NIV; ou “*count*” na KJV), no original grego, é *hegeomai* (ou *egeomai*), e poderia estar no indicativo, em lugar do imperativo empregado nas várias versões citadas. Geralmente, os verbos gregos têm diferentes formas e ortografias nos modos indicativo e imperativo, porém no caso deste verbo, as formas são idênticas.

- Considerando que no v. 3 Tiago enfatiza que os leitores já adquiriram conhecimento (“sabendo que...”), o modo indicativo ganha maior sustentação a partir do contexto imediato. Além disso, esse modo também é justificado pelo fato de Tiago incluir nesse conhecimento a ideia de que a paciência tenha completado a sua obra “sem faltar em coisa alguma” (v. 4). Ao mesmo tempo, afirma que “se algum de vós tem falta de sabedoria”, ela deverá ser recebida como um dom de Deus (v. 5).

- Na Bíblia em alemão consta: “*Meine liben Brüder, achtet es für lauter Freude, wenn ihr in mancherlei Anfechtung fallet*”, sendo que *achtet* é a conjugação do verbo *achten* (respeitar) tanto no indicativo quanto no imperativo.

- Se o indicativo for a melhor tradução para o texto grego, isto pode significar que Tiago pode estar comentando a habitual resposta dos leitores a tais provações (considerá-las como pura alegria) e não encorajando-os a responder de uma forma diferente, como extrai-se do texto com o verbo no imperativo.

3 sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência.

- Tentações testam a religião e a fé. O homem que permanece verdadeiro em suas provas mostra que sua religião e sua fé são genuínas. Testes trabalham a paciência e a paciência promove a perfeição (1Tm. 5.3-5; 1Pe. 1.7).

- Não podemos conhecer de fato a profundidade de nosso caráter até que vejamos como reagimos sob pressão. É fácil ser bondoso com os outros quando nos tratam bem e tudo está bem, mas será que ainda podemos ser bondosos quando os outros nos tratam de forma injusta? Deus

quer nos tornar maduros e completos, e não nos poupar de toda dor. Ao invés de reclamarmos de nossas lutas, devemos vê-las como oportunidades para o crescimento espiritual em Cristo.

- Devemos agradecer a Deus por ter prometido estar conosco em tempos difíceis e pedir que Ele nos ajude a resolver nossos problemas ou que nos dê forças para suportá-los. E devemos ser pacientes, pois Deus não nos deixará sozinhos com os nossos problemas; Ele permanecerá por perto e nos ajudará a crescer na graça e na fé.

4 Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma.

- A obra perfeita da paciência, aqui referida, tem duas bênçãos: 1) a perfeição pessoal no conhecimento do evangelho e da vontade de Deus (Fp. 3.15); e 2) a completude pessoal em todas as graças e dons de Deus.

- “Perfeitos” (do original grego *teleios*) transmite a idéia bíblica de perfeição no sentido de relacionamento correto com Deus, que frutifica no empenho sincero de amá-lo de todo o coração em obediência irrestrita e uma vida inculpável (Dt. 6.5; 18.13; Mt. 22.37; 1Ts. 2.10).

- Em Rm. 5.3-5, Paulo descreve o processo da maturidade cristã que o Senhor espera de seus servos: a tribulação produz a paciência; a paciência, a experiência; a experiência, a esperança; a esperança, a certeza.

- A vida de Paulo nos ensina que a provação na vida do servo de Deus forjará uma pessoa melhor, mais crente em Jesus e fiel a Deus. O sofrimento faz-nos constatar o quanto dependemos do Senhor (Sl. 118.8-9). O salmista expressa claramente: “Antes de ser afligido, andava errado; mas agora guardo a tua palavra” (Sl. 119.67). Jó também reconheceu que aprendeu com a provação que passou (Jó 42.3-6). Nada melhor do que crescermos em Deus e diante dos homens, com as nossas próprias experiências. É por isso que Tiago recomenda que devemos nos alegrar ao passarmos por provações (Tg. 1.2-4).

- Não se pretende aqui ser irrealista quanto às feridas provocadas pelos sofrimentos da vida, nem negar o poder que as dificuldades e enfermidades têm de abater o nosso corpo e o nosso ser. Não é o caso de exigir do crente que seja um “super-herói”, que viva completamente à margem dos problemas, como se eles não existissem ou não tivessem nenhuma influência sobre nós. Isso seria pura hipocrisia.

- Apenas é preciso ressaltar o poder muito maior que Cristo tem de erguer, sustentar, prover e fortalecer a alma abatida em meio a esses momentos de dor. Como disse Paulo, “segundo as riquezas da Sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo Seu Espírito no homem interior” (Ef. 3.16).

12 Bem-aventurado o varão que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam.

- “Bem-aventurado”, no original grego, é *makarios*, termo traduzido como “feliz” seis vezes e como “bem-aventurado” 43 vezes (ex: Mt. 5.3-11).

- A “coroa da vida” é também referida por Paulo em 2Tm. 4.8. A coroa da vida é como a coroa da vitória dada aos atletas vencedores (1Co. 9.25), ou conquistada como um distintivo de honra social. Era chamada de *stephanus*, ou laurel, feita de folhas de louro, diferente do diadema, que era a coroa da realeza (Ap. 19.12). A coroa da vida dada por Deus não é glória e honra aqui no mundo, mas a recompensa da vida eterna – viver com Deus para sempre. O caminho para fazer parte do círculo de vencedores de Deus é amá-lo e permanecer fiel a Ele, mesmo sob pressão.

- Este verso, e também os anteriores (desde Tg. 1.9), serve tanto para afirmar que as gloriosas bênçãos preparadas para aqueles que fielmente amam a Deus não podem ser comparadas às dificuldades da vida (cf. Rm. 8.18,31-39), como para prevenir contra uma devoção a Deus baseada exclusivamente na esperança de recompensas materiais futuras.

- Os atos que se originam apenas da vontade de satisfazer a desejos e prazeres pessoais, ao final levarão ao materialismo e ao afastamento da presença de Deus, mesmo que esse prazer pessoal seja espiritualizado como uma forma de “recompensa celestial”. As pessoas somente podem encontrar a verdadeira paz espiritual quando são motivadas por um desejo de agradar a Deus, que emerge de um genuíno amor por Ele, e não pelas bênçãos materiais ou até mesmo espirituais que Deus tem a oferecer.

- O universalismo usa a tese de Orígenes, que avaliza a crença de que existe a purgação de pecados (uma espécie de cura), tal como no dogma católico, para alegar que o estado de separação da graça não é definitivo, que a pessoa nessa condição não é irrecuperável; antes, pode perfeitamente se salvar após a referida purgação, que seria um tipo de purificação.

- A tese universalista, ao admitir essa postura, esbarra na heresia romana do purgatório, abonando-a, pois apresenta uma ideia semelhante de redenção pós-morte. Este v. 12, porém, aponta para uma clara condição para aqueles que desejam a coroa da vida, aqueles que, por amor a Deus, resistem à prova. Mas quanto aos que não amam a Deus e blasfemam contra o Senhor nas tribulações, essa coroa, obviamente, não está reservada para eles. A possibilidade anotada na tese de Orígenes corrompe a verdade bíblica. Após a morte segue-se o juízo, embora esse juízo não seja imediato, como nos mostra a história do rico e Lázaro (Lc. 16.19-31), na qual o rico encontra-se sofrendo as preliminares de uma condenação eterna.

13 Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta.

- Ninguém que peca poderá livrar-se da culpa lançando acusações contra Deus. Deus pode nos provar para fortalecer nossa fé, mas nunca para nos levar ao pecado. A natureza de Deus testifica que Ele não pode dar origem à tentação para pecar.

- Note-se que a palavra “tentado” empregada neste versículo tem sentido um pouco diverso do que Tiago empregou no versículo anterior. No v. 12, Tiago fala em “tentação” no sentido de teste; neste versículo, o termo é empregado no sentido de solicitação ao pecado.

- É neste último sentido que Tiago diz que Deus não pode ser tentado com o mal, assim como não tenta ninguém. Tentações malignas vêm do mal, não do bem.

- O verbo grego *peirazo*, traduzido neste versículo como “tentado” e “tenta”, é o cognato do substantivo *peirasmós*, traduzido como “tentações” no v. 2 e “tentação” no v. 12, mas ambos no sentido de “provação”, “teste”. Em vista do uso inicial desse substantivo, é muito provável que

os primeiros leitores da carta tenham entendido o verbo grego como “quando posto à prova, ninguém poderia dizer ‘Deus está me provando’”. Somente após a posterior afirmação de Tiago de que “a concupiscência... dá à luz o pecado” (v. 15) é que parece ser necessário um significado mais restrito do verbo “tentado” neste versículo. No mínimo, poderíamos dizer que quando alguém diz “de Deus sou tentado”, essas tentações podem ser consideradas como exemplos específicos de provações, que servem para testar a fé e instruir em sabedoria.

- Tiago contraria a opinião comum asseverando enfaticamente que “Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta”. Deus não tenta, nem põe ninguém à prova, para instruir na sabedoria, como alguns sábios pensavam. Ao contrário, “Deus... a todos dá liberalmente [a sabedoria] e não o lança em rosto” (Tg. 1.5).

- A tentação vem de nossos maus desejos interiores, não de Deus. Começa com um pensamento mau, e se torna pecado quando nos demoramos neste pensamento e permitimos que ele se torne uma ação. Como uma bola de neve rolando montanha abaixo, o pecado cresce e se torna cada vez mais destrutivo à medida que permitimos que ele prossiga. O melhor momento para deter uma tentação é antes que esta esteja demasiadamente forte ou se mova rápido demais para ser controlada (ver Mt. 4.1-11; 1Co. 10.13; 2Tm. 2.22).

- As pessoas que vivem para Deus frequentemente se perguntam por que ainda têm tentações. Deus as tenta? Deus testa as pessoas, mas Ele jamais as tenta procurando seduzi-las a pecar. Porém Deus permite que Satanás tente as pessoas a fim de refinar a sua fé e ajudá-las a crescer em sua dependência em relação a Cristo. Podemos resistir à tentação de pecar voltando-nos a Deus em busca de forças e escolhendo obedecer à Sua Palavra.

- As testemunhas de Jeová declaram que Jesus não é Deus, pois, se O fosse, seria de se esperar que os mesmos atributos aplicados a Deus pudessem também ser aplicados a Jesus. E exemplificam com este texto, pois Deus não pode ser tentado, mas Jesus sofreu tentação (Lc. 4.2; Hb. 4.15). Entretanto, o que este versículo está declarando é que nenhum crime secreto, traiçoeiro e deliberado foi praticado pela vontade de Deus, que não pode ser responsabilizado pelas más ações dos homens. Além disso, o escritor aos hebreus é explícito ao declarar que Jeová foi tentado no deserto pelos israelitas (Hb. 3.8-9). Apenas por isso, Jeová também não seria Deus?

14 Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência.

- A tentação provém, em princípio, dos desejos e inclinações do nosso próprio coração (cf. Mt. 15.19). Se o desejo mau não for resistido e purificado pelo Espírito Santo, levará ao pecado e, depois, à morte espiritual (v. 15; Rm. 6.23; 7.5,10,13).

- Note-se que Tiago, negando que a tentação tem origem em Deus, não vai ao extremo oposto de localizar a origem de todas as tentações e provações em Satanás; ao invés disso, atribui a principal responsabilidade à nossa própria concupiscência. Em Tg. 4.1, ele reitera: “Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura, não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?”.

- Para Tiago, vontade e desejo representam a verdadeira origem de todas as obras. Ele desenvolve essa ideia por meio da imagem da concepção e do nascimento: “Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte” (Tg. 1.15).

- À medida que os crentes procurarem localizar a fonte de todas as suas tentações em qualquer origem exterior, seja em Deus ou em Satanás, isso desviará sua atenção do verdadeiro problema: eles próprios. A tentativa de localizar todos os nossos problemas fora de nós mesmos não leva a nada a não ser à frustração.

- A única maneira de uma pessoa evitar a instabilidade de uma inconstância (Tg. 1.8) é fazer com que essa concupiscência interior seja substituída por uma transformação da natureza pessoal (Tg. 1.21), de forma que seus desejos sejam estabelecidos de acordo com a vontade de Deus.

- Os sete passos da tentação são os seguintes: 1) tentação: pensamento do mal; 2) atração: imaginação forte; 3) desejo: prazer na visualização; 4) engodo: perda da força de vontade; 5) concepção do desejo: ceder ao desejo; 6) pecado: o ato pecaminoso é cometido; 7) morte: resultado do pecado.

- É fácil culpar os outros e dar desculpas por pensamentos maus e ações erradas. Usamos desculpas tais como: 1) é culpa da outra pessoa; 2) não pude evitar; 3) todo mundo está fazendo isso; 4) foi só um engano; 5) ninguém é perfeito; 6) o diabo me fez fazer isso; 7) fui levado a isso; 8) eu não sabia que era errado; 9) Deus está me tentando. Uma pessoa que dá desculpas está tentando jogar a sua própria culpa em algo ou em outra pessoa. Um cristão, por outro lado, aceita a responsabilidade por seus erros, confessa-os e pede perdão a Deus.

- A concupiscência pode se revelar de três formas: 1) desejos do homem (Tg. 1.14; 4.2; Gl. 5.16); 2) desejos de Satanás (Jo. 8.44; Ef. 2.2-3; Rm. 6.12; 1Jo. 2.17; 3.8); 3) desejos de Deus (Gl. 5.17,22-23; Sl. 51.6).

15 Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.

- A concupiscência que não é refreada pelo ser humano dá origem ao pecado. Um pensamento errado dá à luz o pecado quando lhe damos o consentimento por nossa vontade. E o pecado, sendo consumado, gera a morte. “Sendo consumado” não se refere tanto ao ato completado do pecado, mas principalmente ao acúmulo de atos maus que constitui uma vida pecaminosa. Por isso há quem entenda que o que Tiago quis dizer neste versículo foi “e o pecado, com o tempo, gera a morte”.

- Há na Bíblia três tipos de morte: 1) a morte física: a separação do homem interior do corpo (Tg. 2.26); 2) a morte espiritual: a separação de Deus por causa do pecado (Ef. 2.1,5; Mt. 8.22; Cl. 2.13; 1Tm. 5.6); 3) a morte eterna: a separação eterna de Deus porque o homem escolheu permanecer separado de Deus em pecado (Mt. 10.28; 25.41,45; Ap. 2.11; 14.9-11; 20.11-15; 21.8; 22.15; Is. 66.22-24); esta é chamada de “segunda morte” ou de “segunda separação de Deus” (Ap. 2.11; 20.14; 21.8).

- Em toda a Bíblia, a morte significa separação do propósito para o qual alguém foi criado, nunca a aniquilação e a extinção do ser. A morte física é a separação do homem interior do corpo. Somente o corpo morre nesta hora, voltando ao pó (Gn. 3.19; Tg. 2.26). O espírito e a alma são imortais e estão no pecado ou na posse da vida eterna em Cristo na hora da morte física. Em ambos os casos, eles continuam conscientes, seja no céu ou no inferno.

- O fato de que o desejo humano possa levar à morte representa, em si mesmo, a prova de que as tentações não têm sua origem em Deus e que seu caráter e suas consequências são fundamentalmente pecaminosos. O desejo ou vontade de Deus, no sentido de capacidade para desejar certas coisas, é fundamentalmente diferente da vontade do inconstante coração humano. Os cristãos devem crer e não duvidar (Tg. 1.6), isto é, devem ter total confiança em Deus, porque a vontade de Deus só poderá ser boa e nunca pecaminosa ou má.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- COELHO, Alexandre; DANIEL, Silas. **Fé & obras – ensinoss de Tiago para uma vida cristã autêntica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **O propósito da tentação**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **O propósito da tentação**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **O propósito da tentação**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Tiago – Fé que se mostra pelas obras**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- SILVA, Eliezer de Lira e. **Lições bíblicas: Fé e Obras - Ensinoss de Tiago para uma Vida Cristã Autêntica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.